


INSTITUTO	
	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	OESP (Gral)
Data	11/8/2002 Pg. 113
Class.	71

Japão investe em projeto do Ibama para o Cerrado

Corredor ecológico de 10 milhões de hectares será implantado por esforço conjunto

SANDRA SATO

BRASÍLIA – O Brasil receberá doação de equipamentos e assistência técnica, equivalentes a US\$ 2,5 milhões, do governo japonês para um projeto de preservação do cerrado. Em parceria, os dois países investirão na criação do corredor ecológico Paranã-Pirineus, uma área de 10 milhões de hectares correspondente a quase um terço do território japonês.

O cerrado é a maior e mais rica savana do mundo, informa o coordenador-geral do projeto do corredor, Moacir Bueno Arruda, da diretoria de Ecossistemas do Ibama. Ele estima que o cerrado já tenha perdido 80% de sua vegetação original e é o segundo ecossistema mais degradado no País, perdendo apenas para a mata atlântica.

O representante da Agência de Cooperação Internacional

do Japão (Jica), Asano Koji, explica que seu país tem apoiado projetos de desenvolvimento sustentável em todo o mundo.

O corredor ecológico, um novo conceito de proteção do meio ambiente que o Ibama vem adotando, consiste de uma faixa de cobertura vegetal que interliga fragmentos de florestas entre si ou a unidades de conservação, garantindo maior circulação das espécies. No País, existem outros 20 corredores ecológicos. O de Paranã-Pirineus cortará os Estados de Goiás e Tocantins, além do Distrito Federal.

O projeto atuará na conservação da biodiversidade, na implementação de tecnologias sustentáveis e na distribuição das riquezas geradas pela exploração de recursos naturais.

Ecoturismo – A região é rica em cavernas e o extrativismo vegetal é uma alternativa economicamente viável. Segundo Arruda, o cerrado possui uma quantidade enorme de produtos nativos, como o pequi, que é usado em comidas e licores, o baru, semelhante ao amendoim, e a caguaita, fruta com propriedades medicinais. Essas plantas são nativas, dispensam grandes investimentos. “Rende mais dinheiro do que uma roça de arroz, feijão e milho”, garante.